

Entrevista com José Antônio Luiz Lopes: “O país perdeu por não ter feito Belo Monte antes”

OLIVEIRA, Flávia. “Entrevista com José Antônio Luiz Lopes: O país perdeu por não ter feito Belo Monte antes”. Estado de São Paulo. São Paulo, 29 de janeiro de 2011.

José Antonio Muniz Lopes, presidente da Eletrobras, é conhecido pelo entusiasmo por Belo Monte, usina que ajudou a projetar como engenheiro. Ele festejou o sinal verde do Ibama ao canteiro de obras da hidrelétrica, que vem sendo bombardeada por ambientalistas e pelo Ministério Público do Pará: "Se as obras não começarem agora, o projeto vai atrasar um ano. Isso tem um custo imenso para o país". Muniz falou por telefone com "Negócios&Cia" sobre o polêmico projeto. Defendeu sua criação e fez questão de mencionar os R\$3,5 bilhões que serão gastos em compensações socioambientais, os R\$500 milhões do plano de desenvolvimento regional do Xingu e os 18.700 empregos diretos e 23 mil indiretos a serem criados. A seguir, a entrevista:

Como vê a licença do Ibama ao canteiro de obras de Belo Monte?

JOSÉ ANTONIO MUNIZ LOPES: Estou muito feliz pelo Brasil. Sem Belo Monte, o país não teria outra fonte de energia capaz de garantir 4.500 megawatts (MW) médios, além de térmicas a óleo combustível. Poderia entrar um pouco de energia eólica, solar e biomassa. Mas nunca chegariam aos 4.500 MW de Belo Monte.

É o único projeto capaz de fornecer energia limpa e barata ao país?

MUNIZ: Sim. Não temos gás para gerar 4.500 MW em quatro anos. Uma usina nuclear leva dez anos para ficar pronta. Qualquer alternativa a Belo Monte teria custo marginal de operação acima de R\$50 por MWh, nos dez anos seguintes a 2014, quando Belo Monte fica pronta. Nas circunstâncias atuais, não há projeto melhor. As usinas do (rio) Tapajós poderiam substituir Belo Monte, mas a 1ª só vai a leilão em 2012.

Por que Belo Monte é importante?

MUNIZ: É uma usina com um papel especial no sistema, porque o regime de águas do (rio) Xingu se complementa às bacias do Paraná e do São Francisco (onde ficam hidrelétricas de Furnas, Chesf e Cemig). Em março, quando os reservatórios do Sudeste começam a diminuir, a vazão de Belo Monte é mais alta. Assim, a usina vai suprir o sistema para poupar os demais reservatórios. Além disso, a linha de transmissão que sairá de Belo Monte ligará o sistema brasileiro à Venezuela e à Guiana. Os dois países estão na margem esquerda do Rio Amazonas, que tem vazão complementar à margem direita, do Xingu. É outra característica que dará segurança ao sistema.

Mas Belo Monte vai gerar muito menos que a capacidade de 11 mil MW.

MUNIZ: Em primeiro lugar, 4.500 MW de energia garantida equivalem a quatro usinas Angra 3, em construção. Belo Monte é uma hidrelétrica a fio d'água, sem um grande

reservatório. Mas, ao longo de um dia, poderá armazenar água e gerar os 11 mil MW.

Se o projeto é tão bom, por que tanto problema no licenciamento?

MUNIZ: Todo mundo sempre é contra as hidrelétricas na Amazônia. Foi assim com Tucuruí e com as usinas do (rio) Madeira. Paulatinamente, as críticas desaparecem. Mas quero dizer que incorporamos ao projeto todas as críticas construtivas. Não tenho dúvida de que o Brasil não teve projeto mais estudado que Belo Monte. Usamos os melhores quadros do país. Quando a racionalidade imperar, o país vai ver o quanto perdeu por não ter feito Belo Monte antes.

O Ibama concedeu ao projeto uma licença inédita, que só libera o canteiro.

MUNIZ: Não é inédito. Aconteceu o mesmo com as usinas do Madeira (Jirau e Santo Antônio). Essa licença foi concedida para não perdermos a janela hidrológica. Se as obras não começarem agora, o projeto vai atrasar um ano. Isso tem um custo imenso para o país.

O Ibama foi pressionado?

MUNIZ: Isso eu prefiro não responder.